

A aprovação da nova política salarial pelo Congresso Nacional implicou fatos lamentáveis. Independentemente de qualquer juízo sobre a decisão tomada em plenário, as cenas de constrangimento explícito a que foram submetidos deputados e senadores não podem e não devem ser esquecidas. As galerias estavam ocupadas por militantes da Central Única dos Trabalhadores (CUT). Todo voto contrário era recebido com apupos ensurdecidos. A partir do momento em que se definiu a vitória do governo, moedas e notas cobriram os parlamentares. Indistintamente. Os que apoiaram a vontade cutista como os que votaram contra receberam a sua dose de humilhação como pena pelo exercício do direito de votar conforme suas convicções.

Alguns parlamentares assustaram-se com a violência. O senador Jarbas Passarinho, depois de definir tanto os atacantes pelo que eram, "fascistas vermelhos", quanto de notar sua "incapacidade de conviver com a democracia", foi contrário, porém, a qualquer medida que evitasse o acesso popular às galerias. Esse é o ponto. Tantas foram as usurpações à participação popular em decisões políticas que mesmo um experiente congressista preocupado com a violência não admite qualquer tipo de limitação ao direito de participar. Não resta dúvida de que tal direito deva ser preservado. Respeitado é claro o jogo democrático. A questão é de definir, com toda nitidez e transparência, quem está violando esse mesmo jogo.

É um fato que esse comporta-

mento absurdo das galerias tem sido admitido há muito no Congresso. Como reconheceu o senador Pedro Simão, "desde os tempos da ditadura" — frase que expõe uma certa contradição do senador gaúcho porque qualquer ditadura que se preze não admite Congresso e muito menos manifestações grosseiras em suas sessões. A maioria dos congressistas reconhece o risco nos "excessos das galerias" — inclusive o senador Eduardo Suplicy —, mas teme confundir sua prudência democrática com opção autoritária. Enquanto isso, sucedem-se as cenas deproráveis.

Cada congressista foi humilhado e agredido pelas galerias que não conhecem o jogo democrático

Como estamos nas vésperas de polêmicas decisões, em especial na perspectiva da revisão constitucional, algum tipo de solução precisa ser encaminhado que respeite tanto o direito popular de acesso às galerias como o direito de voto, sem coação, dos congressistas. A responsabilidade pelo encaminhamento da solução é da direção das duas Casas. A célebre proposta da distribuição de credenciais, conforme o tamanho das bancadas, já provou sua ineficiência. As presidências do Senado e da Câmara esperam que tipo de escalada da violência para encontrar alguma solução?

FÓRUM DOS LEITORES

O último faroeste

O Brasil vai entrar no século 21 como cenário do último faroeste: leis que não se cumprem, Justiça que não funciona, réus que não são presos, massacres de crianças e índios. A pesquisadora francesa Dreyfus Simone Gamellon, sobre o massacre dos ianomâmis, diz: "É preciso um poder central mais forte que o poder local, e um poder civil mais forte que o poder militar, para que cessem tais massacres." E acrescenta: "O estado de direito no Brasil não parece suficiente para que as leis existentes sejam corretamente aplicadas." São assertivas válidas para todo o Brasil. No Primeiro Mundo não entendem como um país estruturado há séculos não consegue fazer cumprir suas leis. Alguém consegue explicar? **Sebastião César Pereira, Capital**

Jurássico

Curioso como entidades que demagogicamente se dizem defensoras dos interesses dos trabalhadores lhes negam a vontade. Segundo pesquisas, 85% dos empregados da Cosipa são a favor da privatização. No entanto, entidades como CGT, MR-8, UNE e Ubes comparecem à Bolsa de Valores para a tradicional aruação, que sempre resulta em feridos e depredação. Precisamos banir esse deturpado sindicalismo, assim como o dirigismo de esquerda que apodrece a UNE. Que futuro esses indivíduos esperam? Uma nação nos moldes estatais do modelo cubano, presidido por um ex-sindicalista deslumbrado com o luxo e os charutos de Fidel, sustentado pelo imposto sindical pago pelos trabalhadores e gentilmente repassado a alguns sindicatos para fins políticos? Esta é a nova realidade brasileira, um novo molde para a defesa dos trabalhadores e dos estudantes: o Jurassic Park nacional. **José Eduardo Ribeiro Brazuna, Capital**



sensação de que a melhor saída ainda é o aeroporto. **Mônica Gasparini, Capital**

No cenário político brasileiro, atores horripilantes ressuscitam das tumbas (Maluf, generais da ditadura). Será que esses exterminadores do futuro querem que nosso povo continue

comendo o pão que o diabo amassou? **Luiz Nunes de Almeida, Capital**

Somos todos vítimas

Justa e santa a cólera do dr. Raul Marino Jr. em desabafo comovente (**Somos todos assassinos**, 20/8). Meu filho também é médico e eu sei, por ele, quantas verdades disse o dr. Marino. Somos todos vítimas, doutor, não assassinos. Assassinas e assassinos são as instituições e os políticos, os governos, os administradores (uma minoria, se quantificados) que nos enrolam, de um lado, e de outro armam esquemas para interceptar todo o PIB que a Nação produz. Fica mais ou menos implícito no artigo que a solução estaria na via eleitoral. Eu já acreditei nisso, mas os políticos encontraram maneira de iludir a boa-fé do eleitor — que, por seu lado, briga por uma escalção futebolística, mas não se interessa pela política, que é de onde lhe vêm todos os bens e todos os males.

Hoje, devido às distorções, aos esquemas de bastidores, à divisão que fazem dos cargos, à troca de privilégios, só acredito na sublevação. Como pode uma população acuada, maltratada, explorada, resistir por mais tempo? Só espero poder ver isso com meus próprios olhos, há muito espantados e revoltados de só verem o lado cruel da realidade. **Luiz Taddeo, Capital**

O triste, cruel e advertente, mas verdadeiro, corajoso, humano e realmente cristão artigo do professor Raul Marino Jr. deve ser lido e meditado por todos. Eleitor em São Paulo, requeiro que os presidentes do Senado, da Câmara dos Deputados, da Assembléia Legislativa paulista e da Câmara Municipal paulistana providenciem a leitura do antológico artigo em plenário (fora do pinga-fogo, quando não há almas vivas nos plenários) e determinem sua inscrição nos anais de cada Casa legislativa. A Casa Civil da Presidência deve mandar reproduzi-lo para informar os altos escalões da República. **João Alfredo Mendes Filho, Capital**

Perigo asiático

Na questão da Amazônia, é preciso não esquecer que os EUA são nossos tradicionais aliados, irmãos na luta contra o nazi-fascismo. Mais perigosa pode ser a abertura de uma estrada que, atravessando os Andes, desborde sobre o Pacífico, permitindo acesso a potências orientais, asiáticas, com vasta experiência de ocupação humana em selvas tropicais. Sugiro menos aqodamento por parte de lulas ecológicas, sapos barbu-dos, etc. **Paulo D. Ramos, Lages (SC)**

Sucessão presidencial

Vi o resultado da pesquisa do Ibope sobre os candidatos à Presidência: Lula, Sarney, Maluf, Brizola... Continuo com a

■ As cartas devem ser encaminhadas ao diretor de Redação do Estado, Avenida Engº Caetano Álvares, 55, 6º andar, CEP 02598-900, ou pelo fax (011) 856 2942, com assinatura, identificação e endereço do remetente, e poderão ser resumidas.